

AS BARREIRAS DA COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS: UM ESTUDO DE CASO

Vanessa Jeane da Silva
Graduada em Pedagogia
Faculdade Integrada Brasil Amazônia
Vanessa-jeane-fibra103@hotmail.com

Ivanete Maria Barroso Moreira
Prof^ª. Doutora em Educação em Ciência e Matemática
Universidade do Estado do Pará
ivanetemaria@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo fazer considerações a respeito das barreiras da comunicação no ensino para alunos surdos, relatando experiências de professores do ensino fundamental I e II das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Artes, Geografia, Educação Física e Ciências. A metodologia utilizada foi a de um Estudo de Caso. Pretende também expor a importância da utilização do uso da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) para derrubar as barreiras ainda existente da comunicação entre professores e alunos surdos.

Palavras-chaves: Ensino das disciplinas; Comunicação; Professores e alunos surdos.

1. INTRODUÇÃO

A fala é uns dos meios de comunicação, mais antigo e importante, da humanidade, porém, nem todas as pessoas possuem esse mecanismo. A fala é um instrumento de massa que a sociedade utiliza para se comunicar, que também, é empregada no desenvolvimento de habilidades cognitivas e formalização do pensamento. Marcusch (2010, p.18), comenta que “a fala (enquanto manifestação da pratica oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá o primeiro sorriso ao bebê”. No caso do indivíduo surdo, a fala como meio de comunicação, torna-se um recurso privilegiado, pois nesta situação, dependendo do indivíduo surdo, ele pode ter apreendido ou não. Neste sentido, o indivíduo com surdez, com dificuldades ou

sem a oralização, adota a habilidade em se comunicar a partir da leitura labial e com a língua de sinais, que no Brasil é a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

A integração das pessoas que apresentam dificuldades e diferença na comunicação, ainda não é completa. Apesar dos avanços nas leis educacionais que amparam esses indivíduos, ainda podemos encontrar salas de aulas com acúmulo de alunos surdos sem um ensino pleno e compatível com a sua condição.

2. EDUCAÇÃO DE SURDOS

Como graduada em Pedagogia me deparei com as disciplinas em Educação para Surdo no curso de Especialização em Libras na Educação Inclusiva, ofertada na Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA), que me interessou bastante e me deixou com vontade de conhecer mais o universo da Educação do Surdo.

Como professora e ouvinte, percebi que não estava preparada para lidar com este alunado, e o meu medo maior foi o de não conseguir alcançar o ensino e aprendizado do aluno surdo em sala de aula. Pensei então: o que se pode fazer para que o aluno surdo adquira saberes necessários para a construção de seu conhecimento?

Medo que não é só meu, mais também de outros professores que se encontram na situação, de ter um aluno surdo em sala sem saber o que fazer e por onde começar. Miranda e Miranda (2011, p.32), sobre esta situação, que “a inclusão de alunos especiais faz com que essa diversidade presente na escola seja vista de outra forma, uma vez que a torna evidente entre os indivíduos. Tal fato pode gerar várias reações no professor, que vão desde a insegurança, a impotência, até o desejo de desafio”.

Procurar conhecer esse aluno, suas peculiaridades e potencialidades, faz com que alguns educadores melhorem progressivamente suas práticas, para não tornar as aulas em exercícios mecânicos, desinteressantes e sem demonstrar a aplicabilidade das situações reais na vida do surdo. Para Miranda e Miranda (2011, p.32), comenta que é na busca de respostas que procuramos entender o aluno (no caso o surdo) como um todo, analisando desde seu aspecto sociocultural até a forma como ele constrói seu conhecimento.

A Declaração de Salamanca (1994) em seu texto principal traz que:

As políticas educativas deveram levar em conta as diferenças individuais e as diversas situações. Deve ser levada em consideração, por exemplo, a

importância da linguagem dos sinais como o meio de comunicação para o surdo, e ser assegurado a todos os surdos acesso ao ensino da linguagem dos sinais de seu país. Face às necessidades específicas de comunicação de surdos e de surdos-cegos, seria mais conveniente que a educação lhes fosse ministrada em escolas especiais ou em classes ou unidades especiais nas escolas comuns.

Também o Decreto 5626/2005 e a lei 10.436/2002, esses três documentos, garantem o ensino da pessoa com surdez, entre outros com deficiência, respeitando a individualidade de cada um. Porém o indivíduo surdo ainda é encarado, nos dias atuais, como um deficiente/doente, e não como um indivíduo que apenas tem dificuldades para ouvir ou não ouve, não implicando na falta de abstração de conhecimento/aprendizagem. Sobre isso Lopes (2007, p.8) diz que:

[...] a surdez como deficiência que marca um corpo determinando sua aprendizagem é inventada através do referente ouvinte, das pedagogias corretivas, da normalização e dos especialistas que fundaram um campo de saber capaz de “dar conta” de todos aqueles que não se enquadram em um perfil idealizado de normalidade.

Mediante ao que foi exposto, o estudo presente pretende auxiliar para um melhor entendimento a respeito das práticas inclusivas que norteiam o ensino para alunos surdos, visto que retrata e problematiza o ensino das variadas disciplinas do currículo escolar, partindo da realidade observada. A proposta desta pesquisa foi investigar os tipos de práticas pedagógicas que os professores, das variadas disciplinas, utilizam para alcançar, de forma adequada, o ensino de alunos surdos em sala de aula, respeitando sua diferença individual, cultural e linguística, detectando com isso os variados obstáculos que se fazem presente dentro deste universo. Sendo assim, o problema eleito para o estudo foi: “Que tipo de práticas pedagógicas os professores, das variadas disciplinas, utilizam para alcançar de forma adequada o ensino de alunos surdos em sala de aula, respeitando sua diferença linguística?”.

E como questões norteadoras: Quais são as principais barreiras encontradas pelos professores no ambiente escolar para ensinar o aluno surdo?; Que tipos de práticas pedagógicas os professores de disciplinas específicas utilizam para ensinar alunos surdos?; Como os professores fazem para conseguir se comunicar com os alunos surdos?

Para dar conta de responder estes questionamentos foi proposto como objetivo para este estudo: “Identificar as práticas (metodologias e recursos aplicados) elaboradas e utilizadas pelos docentes para alcançar êxito no ensino de alunos surdos nas variadas disciplinas em sala de aula”

Como iniciação da pesquisa foi feita uma investigação sobre: qual a forma de comunicação dos alunos surdos (oral, gestual, escrita); o conhecimento dos professores a respeito da língua de sinais, Libras; o tempo que os docentes têm contato com alunos surdos; e quais recursos, os professores das disciplinas específicas, usam para ensinar alunos surdos e ouvintes em sala de aula ou em aulas extraclasse.

3. O ENSINO DE MATEMÁTICA PARA ALUNOS SURDOS

O indivíduo surdo utiliza prioritariamente a visão nas situações diversas, de forma que favoreça a sua comunicação e compreensão. O professor ao utilizar nas suas aulas de matemática; imagens, gráficos, símbolos, códigos, todos os recursos necessários para o melhor entendimento do assunto abordado, faz com que a informação possa chegar ao aluno surdo de forma mais clara. Porém esta forma, dependendo do recurso utilizado (imagem, símbolo, código, etc.) poderá fazer com que o aluno surdo entenda de forma correta ou errônea, pois não basta apenas o recurso pelo recurso, mas toda uma gama de outras condições (escrita, leitura, fala, leitura labial, língua de sinais), para que o aluno realmente chegue a compreender o que está sendo repassado. Costa e Silveira, (2014, p.82), em relação a isto, expõem que: “É necessário que se observe que imagem está sendo transmitida e se a mesma tem relevância em relação ao conteúdo proposto. Além do que, observar de que forma o surdo está percebendo a referida mensagem”.

É de fundamental importância se buscar recursos adequados para a aula, ter um intérprete em sala e um bom diálogo com o mesmo, sobre as práticas e metodologias de ensino que melhor se enquadra para o aluno surdo. Essa parceria entre professor e intérprete vem a contribuir para que a aula se torne proveitosa, interessante e construtiva, para o aluno surdo. Costa e Silveira (2014, p.79) neste sentido comentam que:

O mais adequado é o professor de sala de aula possa exercer o papel de mediador da comunicação, quando possuir domínio e conhecimento do conteúdo matemático e da língua de sinais, possibilitando uma melhor comunicação em sala de aula. A problemática esbarra quando o professor não possui o domínio da língua de sinais, faz-se necessário a presença de alguém que domine tal forma de comunicação e expressão.

O aspecto visual pode tornar-se um aspecto eficaz para o ensino de alunos surdos, pois é uma característica o uso da visão pelo aluno surdo. Para Jobim e Souza (2000) apud Costa e Silveira (2014, p. 81-82), vivemos na sociedade da visualidade, da

estetização da realidade, da transformação do real em imagens, cuja consequência para o homem contemporâneo poderá ser a do anônimo sobre o pessoal, a do imaginário sobre o real. Diante disso, podemos perceber que, a “linguagem imagética” pode servir como condição para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos surdos, uma tradução virtual dos conteúdos de matemática e de outras disciplinas.

O professor de matemática, precisa melhorar seus conhecimentos, repensar suas práticas e metodologias no ambiente de sala de aula, buscar encontrar formas que conduza o aluno a aprender, que o aluno desenvolva o seu cognitivo, respeitando suas peculiaridades. Entender como ocorre o processo de aprendizagem deles para assim os fazer compreender e aprender.

3.1. ENSINO DA LINGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS

Todo o ouvinte nasce com uma gramática interna devido ao seu convívio com o falante, a partir do momento que o indivíduo ouvinte tem os primeiros contatos com o estudo da Língua Portuguesa começa a adquirir as regras do português. Em contrapartida o surdo tem os primeiros contatos com a língua portuguesa no ambiente escolar, devido à falta de audição, esses alunos chegam a escola com pouco ou quase nada do entendimento da Língua Portuguesa. Sobre isso Gomes (2013, p.3) comenta que:

Por não terem acesso à linguagem oral, geralmente as crianças surdas são privadas de situações que as crianças ouvintes vivenciam diariamente e que respondem pela aquisição incidental do conhecimento, tais como conversas com a família e contação de história, entre outros. Em decorrência disso, geralmente as crianças surdas chegam à escola com pouco ou nenhum conhecimento da Língua Portuguesa.

Nas escolas, de acordo com Gomes (2013), costumam usar como método de ensino da Língua Portuguesa as aulas expositivas, a escrita para produções textuais, a interpretação de textos encontrados nos livros didáticos ou trazidos pelos professores. Em relação aos alunos surdos, este ensino de certa maneira mecânica, talvez não suta um bom efeito no ensino e aprendizagem, ou seja, o surdo aprende sílabas e palavras soltas, para formar pequenas frases, apenas para serem utilizadas em determinadas situações simples. Quando ocorrem fatos que diferenciavam das situações que os surdos estão acostumados a aplicar frases, quando se tem condições de complexidade, forma-se a confusão, fazendo com que esse indivíduo demonstre a ineficiência na aprendizagem, demonstrando um aprendizado de certo modo automático, um treino, sem a condição de

significação. O ensino da Língua Portuguesa tem como finalidade a habilidade, compreensão e produção de textos e não apenas de palavras e frases soltas. Este autor ainda assevera que:

A tarefa do professor não é corrigir o aluno visando à adequação morfosintática, mas ser interlocutor ou mediador entre o texto e a aprendizagem que vai se concretizando nas atividades em sala de aula. Sua preocupação deve ser a de inserir os alunos em atividades discursivas, como diálogos e textos, e não vocábulos isolados, para que eles possam se construir como leitores, que atribuem sentido ao que leem, e como escritores, que produzem diferentes gêneros e tipos textuais. A prioridade do professor deve ser inicialmente o uso da língua pelo aluno e não só o conhecimento das regras. (2013, p.4 - 5)

Objetivando o uso da língua portuguesa, os alunos surdos devem ser trabalhados com o uso da leitura e produção de diversos gêneros e tipos textuais. O surdo, neste sentido, a nosso ver, deve ser trabalhado pelo professor, a partir do uso da língua de sinais, no caso do Brasil a Língua Brasileira de Sinais, que é a língua materna do surdo. Gomes (2013, p.6), realça que para isso, a escola deve propiciar a aquisição da Língua Brasileira de Sinais pelos alunos para que, com base nela, constituam seu conhecimento de Língua Portuguesa.

O processo da construção da leitura e escrita dos alunos surdos perpassa por uma série de atribuições que a escola, professor e a família necessitam saber, para melhorar o aprendizado desses educandos. Os estudiosos, Lene, Hoffmeister e Bahan (1996 *apud*. Gome, 2013: p.10) enfatizam a importância dos textos como fonte de conhecimento e lembram que, quanto mais se lê, maior é a amplitude e a profundidade do que se pode entender. Criticam os materiais de leitura de baixo nível apresentados aos alunos surdos, os quais contribuem, em grande parte, para as dificuldades que esses apresentam.

A concessão de muitos desses materiais decaídos, para com os alunos surdos manusearem, transcorre do olhar que o professor vê o aluno surdo. Diversos docentes se contrapõem em oferecer livros para os alunos lerem. Essa visão errônea por parte de alguns professores se torna prejudicial. O aluno surdo deve ter contato com materiais ricos e variados. O desinteresse se torna evidente por parte do aluno surdo ao perceber que o professor que deveria ser o principal estimulador acaba ser tornado o desestimulador. Para Gomes (2013, p.10-11) diz que, por outro lado, por não terem acesso a materiais escritos ricos e diversificados, os alunos surdos vão tendo cada vez mais dificuldades para lerem e se tornam completamente desinteressados pela leitura.

Conseqüentemente, não gostam de escrever e muitos se sentem incapacitados para fazê-lo.

A família tem o papel fundamental nesse processo de aquisição da leitura e escrita. O ato de estimular e procurar mecanismo juntamente com professor é fundamental para o sucesso e progresso do aluno surdo. As variadas práticas que os pais podem utilizar nesse caminho de aquisição é mostrar interesse em aprender a Libras e mostrar as variadas fontes de texto, explicando sempre a importância da compreensão do ato de ler e escrever. O pesquisador Tovar (2000 *apud* Gomes, 2013: p.13) enfatiza a importância da leitura como principal fonte de informação para a criança surda adquirir a língua majoritária, em nosso caso, a Língua Portuguesa. Para o autor, isso pode ser conseguido lendo-se para ela contos, escrevendo-lhe bilhetes e cartões, lendo com eles, consultando anúncios, rótulos, etiquetas e livros na sua presença, fazendo-os ver a utilidade da leitura e escrita nas atividades da vida diária, tais como compras e passeios.

Os estudos de Gomes (2013, p.11), trazem alguns aspectos em relação ao ensino do aluno surdo que são:

- A surdez dificulta, mas não impede o aprendizado da Língua Portuguesa pelos alunos surdos.
- As dificuldades que os alunos surdos geralmente apresentam na escrita não decorrem da surdez, mas do pouco conhecimento que têm da Língua Portuguesa.
- A Língua Portuguesa é a segunda língua para os alunos surdos, e, por isso, requer a aquisição da Língua Brasileira de Sinais, sua primeira língua.
- O aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua é um direito do aluno surdo, garantido pelo Decreto Federal nº 5626, de 22 de dezembro de 2005.
- O ensino da Língua Portuguesa na escola deve contemplar a modalidade escrita que, por se acessível à visão, é considerada fonte necessária para que o aluno surdo possa construir seu conhecimento sobre a Língua Portuguesa.
- O processo de aprendizado da Língua Portuguesa pelos alunos surdos é mais demorada e não chega necessariamente aos mesmos resultados.

Para os professores de alunos surdos a busca de materiais que facilitem o entendimento e a compreensão da Língua Portuguesa é constante. Uma caminhada paulatina e diária na caçada do progresso desses alunos. Como aliados para esse trabalho com o surdo na atualidade temos as tecnologias, que colaboram com educadores, nas organizações e visualidades das aulas, mas esses recursos não devem ser únicos. Os professores sempre devem seguir uma organização, um conjunto de regras que auxiliem na aplicabilidade da Língua Portuguesa no cotidiano, como: usar a linguagem escrita na leitura e na produção de textos escritos pelos alunos surdos, envolver as variadas práticas da linguagem como temas jornalísticos, literários, de

caráter da vida pública e profissional, leitura compartilhada, leitura com interpretação em Libras pelo professor, leitura autônoma, imagens.

Todas as práticas citadas só serão possíveis serem executadas, se todos no ambiente escolar (técnicos, gestores, etc.) e na sala de aula (professores e alunos ouvintes) se envolver no processo. O progresso vai acontecer a passos lentos, mas o resultado dependerá do envolvimento da família e do docente em abraçar o aluno surdo e aprender e compreender com o mesmo as potencialidades com o surdo possui.

3.3 O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS SURDOS

A educação inclusiva deve ter o sentido de ser justa, plena, participativa, com acesso e base a todos que possui uma necessidade educativa especial. Contudo é obrigação do Estado garantir o ingresso e a permanência a todos os estudantes. Skliar (1998 *apud* Duarães e Sampaio, 2011) tem uma visão bem crítica da educação inclusiva brasileira: considerando que o processo de inclusão como vem se desenhando no Brasil como uma inclusão excludente, ou seja, uma forma a partir da qual parece que grupos de surdos são considerados dentro de um sistema plural, democrático, porém, na escola é praticada a exclusão.

Considerando a importância da disciplina de Geografia, faz-se necessário que os futuros e atuais professores busquem metodologias que integrem não somente os alunos surdos mais também os ouvintes. O professor é o protagonista desse processo, e seus ensinamentos são fundamentais na vida dos alunos, por isso Duarães e Sampaio (2011) enfatizam que é preciso sempre que o docente eleve a autoestima de seus alunos, mostre que não é vergonhoso ter dificuldades, que o diferente é comum, e estimulá-los a sempre acreditar que suas capacidades não podem ser pré-determinadas ou que eles não podem se prender a rótulos negativos. O professor, de qualquer área específica de conhecimento, necessita se organizar para receber e atuar com as necessidades educacionais dos alunos surdos.

Uma das maneiras de amenizar os problemas encontrados em sala de aula onde possua alunos surdos é o professor buscar, pesquisar maneiras corretas e se for possível mudar de postura, para que aja integração entre todos no mesmo ambiente.

É necessária uma metodologia diferenciada, e os recursos podem ser criados pelo próprio professor, com a ajuda do intérprete, se houver, ou do próprio aluno surdo. Jogos, quebra-cabeça relacionados com o conteúdo ministrado, maquetes com materiais reutilizáveis. Tudo que possa facilitar o entendimento do aluno surdo. Sampaio *et al.*, (2011: p.10; *apud* Durães e Sampaio, 2011) expõe a ausência de material e recursos na formação de professores em geral, e do professor de Geografia de forma específica, existe muita carência, pois uma das dificuldades encontradas pelos professores da sala regular é a falta de material adequado às necessidades dos estudantes.

O educador fica a cargo de desenvolver metodologias pedagógicas para o ensino de Geografia que englobem toda a clientela de alunos, e que sejam apropriadas para trabalhar com estudantes surdos, também preparando materiais visuais e manipulativos melhor ajustados com a realidade em que vivem.

Faz-se necessário a buscar de informações sobre os melhores recursos que o professor poderá utilizar em sala. Durães e Sampaio (2011) explicam que:

Pesquisar sobre a produção de recursos didático é importante para formação docente na perspectiva inclusiva, porque busca apoiar e motivar o licenciado a tomar iniciativas que inovem e valorizem sua prática de Ensino. Esse cuidado do professor em inovar, buscar melhorar, e se adaptar a seu aluno, de voltar-se para realidade em sua sala de aula, e não a uma realidade idealizada torna a aprendizagem dos conteúdos geográficos mais dinâmicos e motivadores para seus alunos.

É necessário por parte do professor que vai lecionar para alunos surdos: falar diretamente para a pessoa sem curvar-se para o lado ou dar-lhe as costas, se houver a presença do interprete falar diretamente para o surdo, evitar em ficar contra a luz, ser expressivo. São algumas mudanças na postura que o professor precisa exercitar em sala.

A integração do conteúdo de Geografia com a realidade do educando faz-se necessário, para que o entendimento seja mais bem absorvido pelos alunos. Pena; Sampaio (2008 *apud* Durães e Sampaio, 2011) enfatiza que:

Na sala de aula, para que os conceitos geográficos sejam melhor explorados, deve haver uma articulação do conteúdo com a realidade. Uma análise que parte do meio onde o estudante vive, abrangendo suas experiências, e a inserção desde espaço no contexto local, regional, nacional e global. Os recursos visuais como formas grandes, cores fortes, imagem e animação facilitam a percepção dos estudantes surdos, além de tornar a aula mais atrativa e interessante também para os ouvintes.

A tecnologia é a arma mais usada pelos professores em suas aulas, pois, a mesma torna as aulas mais dinâmicas e reais. Todos esses recursos também podem ser

utilizados para com os alunos surdos. (Sampaio *et al*, 2011: p.33 *apud* Durães e Sampaio, 2011) apresentam variados recursos:

O computador é um recurso interessante e livros didáticos de Geografia que acompanham CD-ROM ilustrativo são ótimos como apoio ao professor. Por meio de data-show, cartazes, painéis. Os professores de Geografia poderiam ainda explorar imagens e conceitos diversos. E tanto o computador quando a TV podem traduzir a aula para a língua de sinais em tempo real. Um outro recurso de baixo custo é um mural com cartazes no qual são explorados os conteúdos a serem trabalhados, que pode ser confeccionado pelos próprios estudantes. Uma mini-biblioteca na sala de aula, com livros diversos, dicionários, revistas e jornais também podem ajudar os alunos surdos a interagirem com o Português escrito e a ampliação do conteúdo. A boa organização do quadro de giz também é fundamental para orientar o entendimento dos estudantes surdos e ouvintes. Além disto, o trabalho com maquetes (essenciais no trabalho com estudantes cegos ou baixa visão) pode ser muito satisfatório, principalmente porque a geografia deve preocupar-se com o espaço nas suas multidimensões.

O estímulo para desenvolver o ensino de geografia no aluno surdo também pode ser em potencializar os trabalhos com mapas, imagens, textos, apresentação de rochas, minerais, solo, água, globo terrestre e trabalho de campo. Disfrutar da prática que o ensino de geografia oferece, oferecendo aos alunos surdos a experiências e interpretações.

O ensino de Geografia para com os alunos surdos é uma atitude significativa a ser conceituada é o importante que é o desenvolvimento cognitivo de uma criança surda tem como base e referencia o visual. As imagens são fundamentais no aprendizado, portanto, seu crescimento e desenvolvimento.

3.4 O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ALUNOS SURDOS

A educação física inclusiva é um sistema que vem integrando o aprendizado dos alunos surdos respeitando a diversidade. Deste modo a disciplina de Educação Física veio a integrar no currículo na cooperação de ações que envolvam pensamento técnico, saúde, qualidade de vida é diversidade. Rodrigues (2003) *apud* Alves, Sales e Moreira (2013, p.194): argumenta que o professor de Educação Física representa condição SINE QUA NON para que a inclusão se torne efetiva, por ser instrumentalizado de conhecimentos e técnicas que contribuem para melhoria da formação, saúde e qualidade de vida dos alunos, além do acesso destes à diversidade.

O educador físico escola necessita aplicar em suas aulas metodologias que integre os alunos surdos envolvendo ludicidade, movimentos corporais, educação

alimentar e práticas esportivas. Zuccheti (2011) explica as experiências que o professor de educação física deve proporcionar aos alunos:

O Professor de Educação Física, através de sua prática pedagógica comprometida com o desenvolvimento social, contribui sobremaneira no campo da educação inclusiva, fazendo uso de novas propostas e abordagens teórico-metodológicas, a ludicidade, enfim, implementa atividades capazes de proporcionar aos alunos experiências que favorecem a cooperação, a sociabilidade, bem como o seu desenvolvimento psicomotor.

A disciplina escolar de educação física precisa ter o olhar de integração social entre os surdos e ouvintes em um mesmo ambiente. Alves, Sales e Moreira (2013, p.196) evidencia que a Educação Física, enquanto disciplina escolar deve estar desvinculada dos aspectos de rendimentos esportivo, técnica pela técnica, exclusão dos menos habilidosos e qualquer outra prática excludente, devendo a mesma tratar da formação integral dos seres humanos envolvidos.

O professor necessita conhecer e respeitar os aspectos dos alunos surdos na sala de aula, buscando sempre recursos e integração entre os alunos e conteúdo. O impulso por parte do docente em desvincular do intérprete para que o mesmo possa se envolver aos poucos na comunicação do surdo. Crawford (2011) apud Alves, Sales e Moreira (2013, p.200) reforça que desse modo, frente essa demanda de inclusão, os professores de Educação Física necessitam de um conhecimento mais apurado sobre o processo de ensinar e a necessidade de recursos pedagógicos específicos e adequados que promovam a participação e inclusão de todos, independentemente de suas condições e características físicas.

O surdo apesar de não possuir a audição por completo, mas apresenta outros sentidos. A visão é o seu principal canal de aprendizado uma vez que, as imagens falam, mas que mil palavras. O excesso de escrita por partes da maioria dos professores em sala de aula dificulta bastante o aprendizado dos alunos surdos. Alves, Sales e Moreira (2013, p.201) ressalta que:

A fala e a escrita excessiva do professor em sala e o uso de vocabulários muito rebuscados acabam dificultando o entendimento dos conteúdos por parte dos alunos e principalmente dos alunos com surdez, que têm em seu contexto social a língua de sinais brasileira como língua materna e que possui uma estrutura gramatical diferente da língua portuguesa – a língua oral (nesse caso o português) utilizada no seu país que é de difícil aprendizagem por eles.

Para um melhor aprendizado e metodologia adequada recomenda-se que as aulas diminuam a quantidade de aulas teóricas, utilizar métodos de ensino mais visuais para uma admissão melhor dos conteúdos das disciplinas. A continuidade de aulas em slides,

vídeos diminuindo as aulas orais, utilizar a ludicidade, desenhos e práticas esportivas. O destaque da disciplina de educação física e de extrema importância na integração, movimentos corporais e físico. Por isso Alves, Sales e Moreira (2013, p.201) explica a finalidade do ensino da disciplina de Educação Física:

Ao considerar a Educação Física como área de conhecimento do currículo escolar que tem como objetivo de estudo a cultura corporal de movimento, ela é destacada como importante no desenvolvimento educacional, por utilizar expressão corporal e o movimento como formas de comunicação não-verbal. Por meio do jogo, do esporte, das lutas, da ginástica e da dança pode-se transmitir comportamentos, sentimentos, valores coletivos e sociais, como também propiciar a descoberta de novos conhecimentos e promover o desenvolvimento integral de indivíduos com deficiências.

O professor é um eterno pesquisador, pois o mesmo necessita sempre se atualizado nas novas metodologias que a educação especial exige. Porém o apoio da escola e de fundamental importância para o sucesso do ensino para com os alunos de necessidades educacionais especiais.

3.5 O ENSINO DE CIÊNCIAS PARA ALUNOS SURDOS

O ensino de ciências no processo de ensino aprendizagem para alunos surdos é uma área que necessita ser melhorada e estudada. Com as respostas de pesquisa na área é esperado que possam ser respondidas questões importantes a respeito do trabalho do professor e dos alunos. Carvalho (2004), procurou reconhecer os três amplos fundamentos para o ensino de Ciências: o conteúdo, a metodologia e o papel dos professores. Baseando-se nesses critérios sugere-se uma reflexão a respeito do ensino de Ciências aos estudantes surdos, não esquecendo a importância da linguagem nesse ponto de vista.

Para integração dos alunos surdos no mundo das ciências é necessário que os membros da escola e principalmente o professor respeite a sua diferenciação linguística e que os mesmos possam também se integrar com a linguagem do surdo a Libras. De acordo com Carvalho (2004), que recorre a outros autores, a linguagem das Ciências é uma linguagem com identidade própria, resultante da construção e valorização sociais, e uma das funções da escola é justamente fazer com que os alunos sejam introduzindo ao mundo dessa nova linguagem. Apreciando sua importância para dar novo sentido ao que acontece ao seu redor, os alunos entram em um mundo que, simbólico, representa o mundo real.

A abertura da escola em propor para os alunos surdos sua visão a respeito do ensino não só dá disciplina de Ciências, mas também com as demais, proporciona uma oportunidade de os educandos expor suas ideias fazer que os mesmo tenha a compreensão adequada e conceitual acerca do assunto exposto. Feltrim e Gauche (2007, p.5) expõe a visão errônea de pessoas em relação da aprendizagem dos surdos:

A despeito de concepções correntes contrárias, o estudante surdo tem o mesmo potencial para desenvolvimento acadêmico de um ouvinte, tem o direito de aprender os conhecimentos científicos trabalhados na escola e se ele puder se comunicar e se expressar em sua língua, não haverá distinção de efetiva aprendizagem em relação à dos ouvintes.

É fato uma insuficiência de profissionais na área de educação principalmente professores fluentes em Libras com habilitação em Ciências, que por sua vez, interfere o ingresso do conhecimento e sua plenitude. O professor infelizmente não consegue alcançar a totalidade que o ensino e aprendizagem de alunos surdos precisa, pois o mesmo desempenha variadas funções. Desta forma Feltrim e Gauche (2007, p.6):

De modo geral, o professor de Ciências não tem fontes bibliográficas que tratem especificamente do ensino de Ciências para alunos surdos, até porque, como já destacado, não existem conforme o desejado. Tanto na formação inicial quando na continuada, faltam opções de disciplinas ou eventos voltados para a especificidade dessa clientela escolar, tradicionalmente excluída, razão das políticas públicas atuais de inclusão.

Uma educação bilíngue seria uma boa opção para os alunos surdos, pois, ela ofereceria uma qualidade melhor no ensino de Ciências e nas demais disciplinas. O Português seria a forma escrita que representa a segunda língua do surdo. O uso do Português se torna importante no entendimento da língua portuguesa para que os surdos utilizem na sociedade.

O uso de material concreto facilita bastante o entendimento por parte dos alunos surdos uma vez que, a explicação oral de determinado assunto na maioria das vezes não é compreendida corretamente pelo surdo. Uma parcela dos surdos não é alfabetizada, outra problemática condiz no processo de formação de conceitos prévios. Segundo o autor Vigot-Sky (2000, p.217) a criança não forma complexos livremente combinando objetos em grupos de integrais, mas que ela já encontra no discurso dos adultos, palavras vinculadas a determinados grupos referentes.

É importante explorar bastante o visual nas aulas utilizar: maquetes, frutas, aulas práticas ao planetário, no ambiente da própria escola na educação ambiental, vídeos se possível em libras e com legendas. Planejar as aulas é indispensável para o melhor

entendimento de todos, respeitando a heterogeneidade existente no ambiente de sala de aula.

4. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é o estudo de caso, tratando-se de uma abordagem científica de natureza qualitativa. Como mostra Pontes, (2006, p.2):

Um estudo de caso visa conhecer uma entidade bem definida como uma pessoa, uma instituição, um curso, uma disciplina, um sistema educativo, uma política ou qualquer outra unidade social. O seu objetivo é compreender em profundidade o “como” e os “porquês” dessa entidade, evidenciando a sua identidade e características próprias, nomeadamente nos aspectos que interessam ao pesquisador. É uma investigação que se assume particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para compreensão global de um certo fenômeno de interesse.

O estudo de caso é mais evidente nas pesquisas que tratam da educação, visando uma possível solução para os problemas procedentes. Sendo o ponto central dessa pesquisa as barreiras da comunicação no ensino para alunos surdos. Relatarei a análise os eventos importantes da pesquisa realizada.

O estudo deu-se em uma escola privada de Ensino Fundamental (I e II), tendo como sujeitos de pesquisa professores das disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, Ciência e Educação Física, que tinham em sua sala alunos surdos ou não, pois, mesmo o docente não ter em sua sala de aula alunos surdos, poderia já ter tido essa experiência em outro momento, ou mesmo ter pelo menos uma opinião formada sobre o assunto por algum tipo de experiência.

Como instrumento para esse estudo foi utilizado a entrevista informal com perguntas abertas sobre o tema em questão, ‘As barreiras da comunicação no ensino de alunos surdos’. Para preservar a identidade dos sujeitos de pesquisa, como procedimento ético, foram utilizadas as letras iniciais das disciplinas que ministravam, ou seja, para identificar cada professor foi usada a letra da sua disciplina específica.

5. A ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

A entrevista foi feita com professores de disciplinas específicas: Educação Física, Matemática, Artes, Geografia, Ciências e Língua Portuguesa, com o intuito de compreender as metodologias e práticas utilizadas por eles e suas dificuldades em relação a educação de surdos. A seguir apresentamos uma descrição e reflexão sobre as respostas obtidas.

5.1 DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA

O docente EF que ministra essa disciplina está fazendo a sua formação inicial, conseqüentemente ainda não tem nenhum tipo de pós-graduação. Não possui em sua sala nenhum aluno surdo, só tem desse alunado a partir do relato de outros colegas, ele atua a 1 ano e 4 meses como professor dessa disciplina.

O EF relata a insuficiência de informações sobre o aluno surdo na graduação e pouco contado com esse alunado em seu ambiente de trabalho. Ele comenta, em sua entrevista, a ausência de entendimento a respeito das questões relacionadas a educação de surdos. Este professor não possui prática em língua de sinais - Libras, no relato, confessa que usaria em suas atividades a gesticulação e a escrita para o entendimento do educando, para tentar ser compreendido. O educador EF explana que dependendo do ano, o aluno surdo pode ser alfabetizado ou não.

Este docente declara que suas principais barreiras são a inexistência de experiência já que, não se sente preparado em sua graduação para atender alunos surdos, devido não possuir nem um curso de extensão em Libras. Para Cartolano (1998, p. 34), a Educação Especial (educação de surdos), não se constitui como parte integrante do conteúdo curricular dos cursos de graduação, normalmente constitui formações específicas, quase sempre aparecendo nas pós-graduações, na área da Educação Inclusiva ou Educação Especial, reservada àqueles que desejam trabalhar com alunos com “necessidades educativas especiais”, diferentes, indivíduos deficientes.

EF- Não tive contato com aluno surdo. Mesmo por que os alunos surdos não tem muito espaço na escola né. Eles têm que ter um professor só pra eles, dedicado a eles pra ajudar interpretar as coisas e tudo, então a gente percebe que tem um baixo índice de alunos presentes.

Já a relação professor e aluno surdo, aluno surdo e aluno ouvinte, o mesmo expõe que não alteraria em nada o convívio com alunos surdos em sua afetividade, o próprio trataria igualmente a todos, e ajudaria com qualquer problema. De acordo com Sá (2006, p. 25), o professor tem que:

Reconhecer a diferença não no sentido de igualá-la à diferença de outros grupos, em uma tentativa de “acabar” com a diferença – ou seja, tentando “normalizar” os surdos – nem mesmo no sentido de dizer que eles sofrem as mesmas limitações e restrições a que estão submetidos outros grupos minoritários dominados, oprimidos, mas firmando um “reconhecimento político” da surdez e dos surdos.

EF – Não tenho experiências com alunos surdos, nunca tive nenhum na minha sala. Uma prática pedagógica? Como eu não tem muito afinidade com Libras né. Eu ia tentar gesticular com ele até mesmo tentar, se ele não entendesse escrever, provavelmente um aluno surdo, dependendo da série, ele é alfabetizado então isso pode ajudar na prática.

Os seus principais medos e receios de ocorrência, como o bullying, por exemplo, que está bastante presente, infelizmente, nas escolas brasileiras, seja pública ou particular. Ter um cuidado especial em integrar os surdos com os ouvintes no ambiente escolar principalmente de sala de aula. O professor termina lamentando não saber Libras. Em relação a este pensar, Mottez (2006), Moura (2008) e outros, acreditam que:

[...] a sociedade faz uma representação da deficiência que interdita as atividades sociais em que o sujeito poderia se engajar e que isso reflete a intolerância social. Para que se possa mudar o paradigma é necessário que se compreenda que o Surdo faz parte de um grupo linguístico minoritário que o retira da classificação de deficiência e, conseqüentemente, do outro lado da moeda: o de handicap. Apenas assim é que se poderá possibilitar a diminuição do preconceito e haverá a possibilidade real de uma organização social que permita que uma inclusão verdadeira ocorra. (MOURA, p. 194-195)

EF- As principais barreiras pra ensinar ele? Olha! Primeiro é a falta de experiência por que a gente não é preparado exatamente na nossa graduação pra lidar com alunos surdos. Então isso vai ser uma barreira com certeza, outra é que a gente no caso eu não tenho nenhum curso de Libras. Então isso provavelmente vai ser uma grande barreira. Os principais medos? Assim na verdade, a gente tem que ter um pouco de receio na questão, assim do bullying, hoje em dia está muito presente nas escolas né, é a gente tem que ter um cuidado especial para poder integrar ele com os outros alunos. Eu acho que seria mais esses os medos que eu teria. Tirando isso, essas dificuldades que eu teria e tirando o curso de Libras que não tenho.

5.2 DISCIPLINAS: Matemática; Graduado; Com especialização; Não possui aluno surdo; Teve contato com surdo; Atua a 8 anos na área.

O professor **MT** começa seu depoimento expondo que no começo de sua carreira na docência os alunos surdos tinham o acompanhamento em escolas especializadas, e que com a mudança na lei que se tornou obrigatório que os alunos surdos fossem inseridos na escola regular de ensino. O mesmo relata que não teve um contato diretamente com aluno surdo em sala, todavia com pessoas de fora, no âmbito pessoal.

MT- Se já tive contato com aluno surdo? Bem pouco. Dentro de sala não. Porque assim, a legislação mudou né. Eu me lembro quando eu comecei a dar aula, a gente tinha... o aluno não era inserido, o aluno tinha um acompanhamento fora. Só acompanhamento fora não tinha ai. Mais depois com a nova lei que não lembro o número da LDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação) ela mudou ai, ele foi obrigado a ser inserido em sala de aula é ter acompanhamento psicopedagógico.

O docente diz que usaria em suas práticas de ensino jogos e suas variadas funções. Explorando o visual e concreto. Verificando o conhecimento empírico que o aluno surdo possui para que o mesmo absorva o ensino da matemática e entenda a importância dela em sua vida.

O professor dá exemplos que usaria em sua prática como: Ábaco, por ser visual, podendo ser trabalhado frações e classe de unidades. O aluno visualiza no ábaco as informações matemáticas que o professor quer passar, porém de uma maneira mais lúdica aprende sobre o conteúdo da disciplina. O tangram, que são figuras geométricas que também pode ser trabalho frações e divisões, pois, esses assuntos são bastante abordados no fundamental 1 e 2. Segundo Gessinger (2001), os professores de matemática devem oferecer situações de ensino e aprendizagem em que os alunos possam construir conceitos matemáticos. Podem utilizar jogos, por exemplos, pois além do caráter lúdico, despertam atenção por serem prazerosos e auxiliam a criança a agir e se comunicar, no caso em matemática.

MT- Teria que ser com jogos. Tipos de jogos visual, por que não escuta mesmo! Então teria que ser muito visual, teria que ser um tipo de conhecimento quase que empírico pra ele. Teria que ser uma coisa bem diferente, teria que ser um conhecimento, mais visual, por que se não ele não vai ter um conhecimento de adquirir aquele conhecimento. Por exemplo, eu trabalhei muito com crianças, mas não com surdos com ábaco e o tangram. Porque o ábaco apesar de ser visual trabalha também com a parte de frações, com a parte de classe de unidades também dá pro aluno apesar dele ser surdo ele começar a visualizar esse tipo de informação da matemática. E o tangram são figuras geométricas. São sete figuras geométricas que você começa a fazer montagem pra ele começar identificar com a parte de frações, divisões que é uma coisa que o aluno do ensino infantil e ensino fundamental 1 menor ainda tem muita dificuldade.

O educador retrata a importância de uma boa base matemática. O mesmo relata que as barreiras encontradas seria a carência de material para sua prática em sala de aula. E crer que os professores para alcançar os alunos surdos necessita confeccionar o seu próprio material de trabalho, caso o suporte não for oferecido, no ensino público é onde percebemos uma grande carência de materiais, e sem estrutura suficiente. O mesmo conta como seria a relação com alunos surdos e ouvintes. Fazer com que os dois entendam totalmente o assunto não é uma tarefa fácil, contudo não é impossível. Ressalta que não necessita saber totalmente a libras, mais sim em fazer com que o aluno surdo entenda e compreenda o que ele quer dizer. De acordo com Silva, Souza e Nascimento (2015, p. 6):

Com a política educacional de inclusão, os professores carecem de material para consultar que lhes permita adequar a metodologia utilizada em sala de aula para que atendam, também, aos surdos. Deve-se considerar que esses profissionais vivenciaram uma educação tradicional, em que o debate sobre a formação desses indivíduos era ausente ou restrito a um grupo específico.

MT- Falta de material. Às vezes o professor tem que fazer, ele tem que dá o jeito dele, ele tem que ter um pouco de... inventar pouco, porque as vezes por exemplo, eu vim do estado. Eu trabalhei muito tempo com aluno do estado. É lá a gente tem totalmente recurso zero. Tudo que a gente precisar, a gente tem que dá o jeito. A gente tinha que solicitar com os alunos. Muitos deles não estavam interessados, achavam que era brincadeira de criança.

O professor aborda os seus principais medos se tivesse um aluno surdo em sala, alguns deles seriam não conseguir passar a matéria para o aluno surdo, não ter material

didático adequado ou se tornar estatística como professor que não se interessa e respeita o aluno surdo na sua diferenciação linguística. O professor confessa que infelizmente sabe pouquíssimo sobre Libras, e expõe que grande massa de docentes não estão preparados para atender alunos especiais e surdos por inexistência de informação. Costa e Silveira (2014, p.83) afirma que outro desafio relacionado à comunicação ante o contexto educacional dos surdos objetivando um processo de ensino e de aprendizagem efetivo, ocorre devido a falta de conhecimento dos sujeitos envolvidos em relação à língua de sinais.

MT- Eu acho com aluno surdo, vamos colocar como deficiente auditivo, o grande problema é a barreira de eu conseguir fazer ele te entender. Independente que você tenha qualquer tipo tenha não só Libras, que muitas vezes eu parto do princípio seguinte, tu não precisa saber todos os jogos de sinais, se tu conseguir fazer ele te compreender é tu conseguir compreender o que ele tá te falando muitas das vezes você não precisa dos jogos de sinais. Meus principais medos seria eu não conseguir transmitir a matéria pra ele. Matéria didática, parte didática mesmo, seria um desafio muito grande tu não conseguir por que vamos dizer seria mais uma estatística. Sei pouquíssima coisa de Libras, aí tá um grande hoje eu acho que é geral do corpo docente, a pouca adaptação aos alunos especiais não só a Libras a todos. A braille, a problema nem falo nem tanto motor, mais a falta de informação nessa área.

5.3 DISCIPLINA: Artes; Graduada; Não possui especialização; Não possui aluno surdo; Não teve contato com aluno surdo. Atua a 3 anos na área.

O relato começa a partir das práticas que a professora **ART** utilizaria em sala de aula. A mesma não soube responder como faria essas práticas por não ter nenhum conhecimento sobre educação de surdos, e expõe que é existente um aluno com problemas na fala em sua turma, mas não surdo. Miranda e Miranda (2011, p.37) frisa que:

Sabemos que existem diversos acordos voltados para a educação inclusiva. No entanto, os mesmos se tornam motivos de preocupação para os professores, uma vez que dentro da realidade das Instituições de Ensino Superior, os cursos de magistério e licenciatura, em geral, não habilitam os futuros professores a trabalharem com alunos surdos. Esse fato faz com que a tarefa de ensinar se torne um desafio complexo diante de uma sociedade em constante transformação.

ART- Ainda não tive contato com aluno surdo. Não sei nem te falar por que eu nunca tive aluno surdo. Tem um que tem dificuldade na fala. Eu mesmo até esses dias estava vendo que não sei, não sei nada de sinais de nada.

A docente fez uma reflexão sobre assunto abordado na entrevista semanas antes com seu esposo, pois o mesmo está tendo a disciplina Libras na faculdade que está cursando. A docente expõe quais seriam as suas principais barreiras com aluno surdo em sala, declara que seria na hora de sua explicação, pois como o aluno não ouve, não saberia entender o que ela explicaria. E por a mesma não saber usar a língua de sinais em suas explicações. As práticas que a professora abordaria para se comunicar com aluno surdo seria a mímica ou escrever para o mesmo entendê-la. Skliar (1998):

Relata salienta que ainda hoje em tempos de inclusão há questionamentos frequentes sobre “Como pode alguém viver sem ouvir? Como essa pessoa se sente? O que pensa? O que sonha? Como consegue se comunicar? ”. Pessoas que fazem esse tipo de questionamento, veem o surdo como um ser limitado, porém surdez não infere no nível de capacidade e potencial deste sujeito, felizmente esse pensamento a respeito dessas pessoas está mudando e este estereótipo de incapacidade vem sendo derrubado dia após dia.

Como seria a relação professora aluno surdo e ouvinte no ambiente de sala de aula a professora expõe que não teria problema de integrar ambos, pois acreditar que sua disciplina por envolver teoria e prática não se torna de alta complexidade. E incluiria o aluno de maneira que o mesmo não tivesse nenhum problema para o entendimento da disciplina, devido o fato de ser surdo, da mesma maneira a professora buscaria a melhor forma de avaliá-lo.

ART- Com a mímica né. Eu acho que seria ou escrever pra que ele me entendesse né. Seria igual como os outros! Que os outros como eu estou te falando, eu acho que a gente tem quatros ou três alunos especiais, é aí pelo ao menos na minha disciplina eu nunca tive dificuldade com nem um deles. Eu não sei porque eu trabalho com a parte teórica e a prática, então se ele não consegue me explicar dá mesma forma que os outros alunos. Então eu uso outros métodos. Eu faço prova oral e ele não fica prejudicado em relação aos outros. E ele participa das atividades com os outros colegas, independente dele ter especialidade ou não. Mas com a parte mesmo do surdo, como eu nunca trabalhei eu não sei nem te falar. Eu já tava me questionando isso, por que o meu marido está fazendo licenciatura em Educação Física, e ele tem lá não sei se é nova norma. Na época em que eu fiz a minha graduação não tinha essa disciplina, agora tem essa disciplina justamente para trabalhar a inclusão. Aí eu sei que eu vou ter

que fazer alguma coisa nesse sentido para eu vim trabalhar. Por que isso é inevitável de ter.

A docente comenta que no tempo de sua graduação não havia a disciplina de Libras é que futuramente terá que se adequar para quando encontrar um aluno surdo saber ensinar de maneira correta. A educadora descreve que suas principais barreiras, sem dúvida, é a comunicação. E seus maiores medos são o não entendimento e o não acompanhamento deste aluno em sua disciplina. A professora finaliza dizendo que buscaria maneiras de comunicação para alcançar este aluno. Miranda e Miranda (2011, p.39) evidencia:

Ter conhecimento do conteúdo, ou mesmo de língua de sinais não é suficiente. É preciso conhecer o perfil do estudante, seus interesses, suas habilidades, para que ocorram as trocas imprescindíveis à construção dos conhecimentos e à formação do indivíduo. Isso significa que o docente tem que descentralizar-se da deficiência neuro-sensorial auditiva do aluno para concentra-se em seu desenvolvimento.

ART- Eu acho que seria somente na hora da explicação. Eu acho que ele não iria me ouvir né! Ai eu não tenho como falar realmente não sei usar os sinais. Meus principais medos são era dele não conseguir me entender. Dele não conseguir acompanhar o resto da turma por justamente por essa não comunicação de eu não saber me comunicar com ele. Ai eu teria que buscar né.

5.4 DISCIPLINA: Geografia; Graduada; Está cursando especialização; Possui aluno surdo; Teve contato com aluno surdo. Atua a 10 anos na área.

A professora **GE** começa o seu relato informando as dificuldades no ensino da sua disciplina para o aluno surdo. Em sua prática a mesma usa símbolos, mapas, desenhos, figuras para o desenvolvimento interpretativo do aluno surdo de maneira lúdica. As barreiras encontradas pela docente dizem respeito aos materiais de apoio, didático próprio para o ensino de geografia. Durães e Sampaio (2011) declara que:

O professor deve desenvolver práticas que possibilitem o aluno surdo a participar, a questionar a ter o interesse de buscar aprender e garantir que ele se sociabilize com os outros alunos surdos e ouvintes. Às vezes devido à dificuldade com a língua oral o aluno surdo pode ter um pouco de dificuldade com as respostas escritas, atividades com maquetes, ilustrações, mapas e gráficos podem auxiliá-lo.

GE- Ainda tenho aluno surdo em sala. Olha deixa só te falar assim, a gente tem um pouco de dificuldade em relação a isso, até porque a gente precisa ter todo um trabalho

pra que esse aluno se integre com os outros. O que é que a gente faz, o que eu faço, alunos de acordo com a série, eu tento trabalhar com eles mas a questão assim, de símbolos mesmos. Eu por exemplo de Geografia, eu tenho uma aluna no nono ano ela é nossa aluno desde de muito tempo. O que é que a gente faz ela “escuta” o que a gente fala, ela fala algumas coisas assim. É ela consegue acompanhar bem pouquinho né. É o que a gente faz o que eu faço para avaliar essa aluna. Eu vejo de que forma, de que ponto do conteúdo que ela pegou mais o que eu acho que eu possa fazer pra ela, transformar aquele conteúdo pra ela de uma forma bem lúdica. Através de mapas, de desenhos, de figuras. Aí então eu vou pedindo pra ela interpretar. Mas é muito simples.

A relação que a mesma tem com aluno surdo e ouvinte no mesmo ambiente e de separação. Relatando que não tem como não fazer essa atitude em sala, no sentido dá explicação, para os ouvintes primeiramente e em seguida para os surdos. A professora explica para o aluno surdo de formas variadas o assunto abordado na aula. Durães e Sampaio (2011) explica que;

Tomando os cuidados necessários para que não haja nenhum tipo de discriminação. A discriminação pode ser bem sutil, pode ser transmitida no pensar, ver e agir de cada um. A discriminação surge do encarar o outro como alguém inferior/menor menos capaz do que eu. Isto nenhuma lei pode mudar, mas o professor pode aprender que esta maneira de tratamento do seu aluno, pode influenciar com que os outros alunos iram trata-lo, a maneira com que ele vai ser dirigido ao professor, quando, por exemplo, tiver uma dúvida e principalmente na maneira com que ele se verá frente ao meio em que vive e que poderá estar inclusa na visão de mundo que ele terá em sua vida.

GE- *A gente faz uma separação por que não tem como não fazer. Até porque quando eu estou fazendo atividade o que é que a gente faz, eu vou pra lá para o quadro explico, falo a gente conversa né. E o colega que não consegue interagir da mesma forma, fica na dele. Depois que a gente termina, aí eu vou lá com ele, sento do ladinho dele é a gente vai conversar eu e ele. Aí eu vou mostrar figuras.*

Os medos que a educadora **GE** descreve são de o aluno surdo não entender o que ela está explicando, e a mesma achar que o aluno surdo está entendendo. Sobre o conhecimento em Libras a professora diz que praticamente não possui nada. Relata que não tem interprete em sala e que há ausência desse profissional especialista na área de geografia. Durães e Sampaio (2011) afirma que a participação social é um direito de todos e como a LIBRAS é a língua materna dos surdos brasileiros, há uma necessidade

urgente de torná-la acessível aos profissionais que atuam ou desejam atuar com pessoas surdas, considerando que a comunicação é uma condição básica para a participação social.

GE- Material de apoio, material didático e material lúdico é próprio para deficiência de cada um. Meus medos são é dele não conseguir, eu pensar que ele tá entendendo, que ele tá aprendendo alguma coisa é na realidade não. Meu conhecimento da Libras é praticamente nada, só quase nada mesmo. Não tenho intérprete. É um professor auxiliar com especialização por que é ele quem vai entender. Isso é o que realmente seria maravilhoso.

5.5 DISCIPLINA: Ciências; Graduada; Especialização incompleta; não possui aluno surdo em sala; Teve contato com aluno surdo. Atua a 7 anos na área.

A professora começa o seu relato lembrando o primeiro contado com aluno surdo em seu estágio obrigatória na universidade. Foi um momento impactante pois a mesma até o presente momento era sua primeira experiência como professora. A docente descreveu a forma como ministrava a aula.

Escrevia e explicava de costa sem respeita a existência do aluno surdo em sala. A aluna surda tentava compreender as explicações da professora através da leitura labial, já que a aluna não possui o domínio da Libras é a professora também não dominava. A forma que a professora encontrava para explicar o assunto era falar em frete à aluna até a “compreensão” da mesma. Quadros (2006, p.50) explica que:

CI- Eu já tive contatos com muitos. Mais lembro principalmente da primeira, eu não tinha noção porque era na época de estagio obrigatório, então eu me lembro muito dela. Era difícil por que tinha que dar aula de costa, se escreve, se explica é ela só lia os lábios, ela não era alfabetizada em Libras, e eu muito menos! Então era muito na escrita é tudo voltado pra ela. Então era tudo duas vezes, seu tivesse falando de costa tinha que voltar. Ai eu ia perto dela como ela era surda profunda, ai eu ficava na frente dela falava com calma pra que ela entendesse o máximo possível. Com os demais não era surdez profunda era baixa audição. Então além de vocalizar era possível uma comunicação é depois a faculdade mandou nós chamar de volta é ofereceu Libras

básico, ai ficou um pouco melhor, depois eu foi para especialização o leque se abre nessa parte de surdez, nessa parte toda, ai a parte da inclusão se abre, ai facilita muito.

O aluno surdo não pode apreender um conteúdo transmitido em uma língua que ele não domina, fato que restringe a sua aprendizagem a uma quantidade muito reduzida de conhecimento com qualidade questionável.

A professora **CI** confessa que seus métodos não eram adequados e que hoje não quer somente incluir, mas integrar e tenta utilizar material da melhor maneira possível para todos. A docente trabalharia muito o visual e faz uma queixa de não ter suporte mais específico como um laboratório para dar mais dinamismo e realidade as aulas de ciências. A professora em suas aulas utilizar o esquema em sua explicação em razão de facilitar o entendimento. Feltrini e Gauche (2007, p. 5) expõe:

Não se concebe mais a ideia de professor como transmissor de conteúdos prontos, acabados; o aluno, assim, aprende conceitos trabalhados pelo professor, participando do processo de construção, com oportunidade de argumentar e exercer a razão. Nessa perspectiva, busca-se objetivar uma pedagogia de ensino de Ciências apropriada à comunidade surda, no qual o professor seja aquele que proporciona momentos para interação comunicativa e encoraja o aluno a refletir sobre o conhecimento científico.

***CI-** Na minha disciplina, eu sempre procuro não só incluir, mas também integrar. Por que se eu faço um material, eu quero que ele sirva o máximo possível com o mínimo de diferenciação. Eu trabalho com as ciências, como eu não tenho um laboratório, um espaço, então eu trabalho muito o visual. Então vem muita coisa visual que o mundo do surdo né. Se ele não ouve o principal dele é a visão, então o trabalho visual isso já abraça bastante ele. Eu ainda me lembro poucas coisas de Libras que ainda vai um bom dia, oi, peço o sinal dele, eu tenho o meu. Quando tem esse contato eles fica mais fácil até pela matéria é eu trabalho muito o visual. Meu trabalho também é voltado com esquema. Se eu tenho o livro didático, eu peço pro aluno fazer aquela leitura aprofundada no livro é comigo é aquela explicação com figura, com esquema, então acredito quando pro surdo e pra pessoa que tem um pouquinho de dificuldade motora, não fica difícil o esquema.*

A **CI** confessa que as barreiras encontradas em sala são a carência do intérprete visto que, e necessário já que a legislação oferece esse apoio, reconhece o papel do intérprete e a sua importância em sala de aula, mas também no ambiente escolar. Já que o intérprete pode oferecer um suporte aos professores através de um curso básico para melhorar a comunicação dos docentes com aluno surdo. Feltrini e Gauche (2007, p. 5) retrata há uma carência de professores de ensino de Ciências fluentes em Libras e

professores-intérpretes habilitados na área de Ciências, o que, por sua vez, se relaciona às restrições relativas ao acesso ao conhecimento em sua totalidade.

CI- Existem dois lados da história. Tem a visão do surdo pro ouvinte, do ouvinte pro surdo é o professor tentando se encaixar numa maneira de atender todo mundo. O ouvinte tem preconceito com surdo, o surdo as vezes tem preconceito com ouvinte. Ai ninguém se encaixa é o professor acaba tendo que mediar. Infelizmente só agora que a nossa legislação, nossas matrizes de informação de professores estão contemplando um pouco melhor essa questão.

A relação da professora para com aluno surdo e ouvinte a mesma entende que existe a visão do aluno surdo ao ouvinte, e o ouvinte para com aluno surdo e o professor tentando integrar a todos no mesmo espaço. Do preconceito entre ambos. A docente confessa que seus principais medos não existem que se sentiria feliz se tivesse aluno surdo em sua sala atualmente, que as diferenças são reais, que devemos respeitar e tentar ser integrar. E confessa que hoje para ela a libras é uma das barreiras que precisa transpor futuramente.

CI- É a falta do intérprete. Por que no caso é necessário a legislação garante isso. Então eu não tiraria de forma alguma o lugar do intérprete dentro da sala de aula, ou dentro mesmo da instituição né, pra ele tá mesmo oferecendo um curso pra própria comunidade escolar. Então eu sinto a falta do intérprete. Meus principais medos nem um. Eu iria estar feliz! Pra que ter medo? Ninguém é igual! Eu tenho escoliose, um tem perna torta, um é gago. Pra que ter medo? Por que é diferente! Não. Quando a gente tem conhecimento, a gente tem que abraçar a pessoa é abraçar a comunidade escolar em integrar. Por que incluir é só colocar ele ali no cantinho. Medo eu não tenho, mas a gente tem que ter cuidado.

5.6 DISCIPLINA: Língua Portuguesa; Graduado; Especialização completando; não possui aluno surdo em sala; Teve contato com aluno surdo. Atua a 3 meses na área.

O professor **LP** começa o seu relato lembrando que antes de ser docente era caixa de supermercado. Nesse ambiente exista muitos surdos trabalhando é o mesmo se comunicava com eles muito por meio de sinais caseiros que eles ensinavam.

LP- *Como seria possível ensinar uma criança surda? Eu achava assim, eu acho que todos os profissionais da educação trabalham na parte visual com eles. Eu ainda não tive a experiência com uma pessoa surda em sala.*

No ensino da Língua Portuguesa o docente teria dificuldade na comunicação, já que o mesmo não possui conhecimento aprofundado de Libras. O educador diz que usaria em sua prática todos os recursos necessários para o entendimento do aluno surdo. Imagem, gravuras, charges, jornais, revistas em quadrinhos, data show. Marcushi (2002) destaca que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus diversos usos no dia-a-dia, pois nada do que fizemos linguisticamente estará fora de algum gênero.

O docente **LP** cita uma ausência de suportes por parte das instituições em apoiar e custear cursos complementares para uma melhor qualidade do ensino para as pessoas com necessidades educativas especiais no ambiente escolar. O professor relata que tentaria de forma justa ser mediador entre ouvintes e surdo para que não haja por ambas as partes uma diferenciação. O educador descreve que seus principais medos é não conseguir fazer um bom trabalho por conta de não saber a língua de sinais.

LP- *Olha! O desafio eu prevejo em ter um aluno surdo em sala de aula, primeiramente né. Nós somos professores e trabalhamos com turmas, vamos dizer! Eu pelo ao menos atualmente com ensino fundamental II que são turmas geralmente bastante, podemos dizer que tem bastante alunos, acima de trinta em uma sala. Vamos dizer se nós tivéssemos um aluno surdo, vamos dizer no meio dos trinta, claro que seria necessário é nós termos o que tipo podemos dizer ter uma formação. Assim para poder trabalhar com esse tipo de aluno. Por que tu vai ter que tentar que arranjar um jeito de ministrar a tua aluno para poder abranger todos, atingir a todos. Por que falamos hoje? Falamos hoje na inclusão, ou seja, temos que tentar incluir esse aluno no meio dos outros, ou seja, não tentar fazer aquela diferença que ele é surdo, ou tem um aluno ouvinte, ou seja, vamos tentar fazer é encontrar uma metodologia para poder explicar o conteúdo e abranger tanto o surdo quando o ouvinte. Isso é claro sem fazer que eles percebam que você está fazendo uma certa divisão.*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades são numerosas que afetam diretamente no aprendizado e no entendimento das disciplinas escolares.

As barreiras encontradas são abundantes nas práticas de ensino, contudo, no ensinamento das disciplinas onde contenha termos específicos como ciências, matemática, física e química os obstáculos encontrados pelos professores por falta de metodologia adequada e sinais específicos dificultando o entendimento dos educandos surdos como também a compreensão correta.

Outra dificuldade encontrada condiz no material didático a ser utilizado, o recurso necessita ser simplificado para melhor entendimento é utilização correta dos meios, quando existe no ambiente escolar ou familiar. Todo e qualquer recurso é metodologia só terá êxito se tivermos pessoas comprometidas com a mudança, transformando o ambiente familiar e escolar que oportunize o acesso de maneira plena e saudável.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, T. P., & SALES, Z. N., MOREIRA, R. M. Inclusão de alunos com surdez na educação física escolar. Revista Eletrônica de Educação, v. 7, n. 3, p. 192-204. Bahia, 2013. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: 30 de Março de 2016.

CARTOLANO, M. T. Formação do educador no curso de pedagogia: a educação especial. **Cadernos CEDES**, Campinas, SP, n. 46, p. 29-40, set. 1998.

CARVALHO, A. M. P. Critérios estruturantes para o ensino de ciências. In: CARVALHO, A. M. P. (Org.). **Ensino de ciências: unindo a pesquisa e a prática**. São Paulo: Pioneiro Thomson Learning 2004.

COSTA, W. C. L., & SILVEIRA, M. R. A. (2014). Desafios da comunicação no ensino de matemática para alunos surdos. *BoEM*, 2(2), 72-87, jan./jul. Joinville, Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/boem/article/view/4444>. Acesso em: 30 de Março de 2016.

DURÃES, S. K., & SAMPAIO, A. A. M. Metodologia de ensino de geografia direcionada para trabalhar com a pessoa surda. In: IV ENCONTRO PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO ESCOLAR, 11., 2011, Uberlândia. Belo Horizonte, Disponível em: <http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.../trabalhos/298.21>. Acesso em: 30 de Março de 2016.

FELTRINI, G. M., & GAUCHE, R. (2007). Ensino de ciências a estudantes surdos: Pressupostos e desafios. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM

EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, Brasília: ENPEC, 2007. p. 1-9. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/CR2/p386>.

GESSINGER, R. M. Alunos com Necessidades Educacionais Especiais nas Classes Comuns: relatos de professores de Matemática. 2001. (Dissertação Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUC-RS, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.miltonborba.org/CD/Interdisciplinaridade/Encontro...Ed.../CC15>.

Acesso em: 1 de Maio de 2016.

GOMES, R. S. LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA SURDOS, Belém, 2013. P 2-38. Disponível em: http://www.uepa.br/portal/downloads/folder_Seminarioletras. Acesso em: 3 de Maio de 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: A. P. Dionísio; A. R. Machado, 2002.

MIRANDA, C. J. A., & MIRANDA, T. L (2011). O Ensino de Matemática para Alunos Surdos: Quais os desafios que o professor enfrenta? .Florianópolis, v.06, n. 1, p.31-46, Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/viewFile/.../21261>.

Acesso em: 30 de Março de 2016.

MOURA, M. C. As Leis e a Realidade In: MOURA, M. C. VERGAMINI, S. A. A; CAMPOS, S. R. L. (Orgs.). Educação para surdos: práticas e perspectivas. São Paulo. Editora Santos: 2008.

MOTTEZ, B. Les Sourds, existent-ils?. Paris: L' Harmattan, 2006.

OLIVEIRA, J. S. (2005). A comunidade surda: perfil, barreiras e caminhos promissores no processo de ensino-aprendizagem em matemática (Dissertação Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro: CEFET.

OLIVEIRA, W. D., & BENITE, A. M. C. Aulas de ciências para surdos: estudos sobre a produção do discurso de intérpretes de LIBRAS e professores de ciências. Bauru, v. 21, n. 2, p. 457-472, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v21n2/1516-7313-ciedu-21-02-0457>. Acesso em: 30 de Março de 2016.

PONTES, J. P. Estudos de caso em educação matemática. **Bolema**, 25, p. 1-22, 2006.

QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis-RJ: Arara Azul, 2006.

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação dos surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, A. N. O ensino de matemática para alunos surdos do ensino fundamental II. In: XIV CONFERÊNCIA INTERAMERICANA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 9., 2015, Chiapas, Disponível

em:http://www.xiv.ciaemredumate.org/index.php/xiv_ciaem/xiv_ciaem/paper/.../531.
Acesso: 30 de Março de 2016.

SKLIAR, C. (1998). A surdez: Um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Dimensão.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.